UNIVERSIDADE BANDEIRANTE DE SÃO PAULO
ZENAIDE ALVES DE CARVALHO

PSICOLOGIA E PSICANÁLISE
O ALÍVIO DA ANGÚSTIA CAUSADO PELO ATO DE CHORAR

SÃO PAULO
2010

ZENAIDE ALVES DE CARVALHO
CURSO DE PSICOLOGIA

O ALÍVIO DA ANGÚSTIA CAUSADO PELO ATO DE CHORAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Bandeirante de São Paulo,
como exigência do curso de Psicologia.
Orientadora: Prof^a. Ms. Daniele Rosa Sanches

SÃO PAULO
2010

Carvalho, Zenaide Alves de

O alívio da angústia causado pelo ato de chorar/
Zenaide Alves de Carvalho. – São Paulo: [s.n.], 2010.
51 f; 30 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Bandeirante de São Paulo, Curso de
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Daniele Rosa Sanches

Co-orientadora: Prof^a. Ana Maria Ferreira

1. Choro e alívio 2. Catarse 3. Linguagem

À Cléo, minha terapeuta, pela sua assistência, possibilitando com seu apoio a realização deste trabalho, a princípio, tão obscuro e enigmático.

ZENAIDE ALVES DE CARVALHO

O ALÍVIO DA ANGÚSTIA CAUSADO PELO ATO DE CHORAR

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO À UNIVERSIDADE
BANDEIRANTE DE SÃO PAULO COMO EXIGÊNCIA DO CURSO DE PSICOLOGIA

Presidente e Orientador

Nome: _____

Titulação: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

2º Examinador

Nome: _____

Titulação: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

3º Examinador

Nome: _____

Titulação: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

NOTA FINAL: _____

Biblioteca

Bibliotecário: _____

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

São Paulo, ____ de _____ de 20____

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer a todos que acompanharam minha trajetória acadêmica, e que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação.

Especialmente a Prof^a. Daniele, por ter apoiado o meu projeto e pela sua disponibilidade de pensá-lo junto comigo, orientando meu percurso teórico atentamente.

À minha irmã Regina e sua linda família, pelo apoio incondicional e dedicação e de maneira muito especial a minha querida amiga Vanessa, que muito contribui para essa possibilidade.

À Da. Maria e o Sr. Vincenzo por me acolherem no confortável silêncio de seu lar, num momento tão oportuno e decisivo pra min.

Aos meus familiares “ausentes”, que acompanharam à distância a minha luta para vencer essa etapa tão importante pra mim. Especialmente a Iraide, minha querida irmã, com quem tive o privilégio de compartilhar muitas experiências acadêmicas.

À minha mãe pela paciência esperançosa de uma visita, sempre imprevisível; e a todas as minhas amigas pela compreensão e apoio ao longo desses cinco anos de um “quase”, confinamento.

E por fim, não poderia deixar de mencionar a memória de meu pai, a quem devo o que considero ter de mais importante - meus valores humanos, cujo caráter e sabedoria, me foi sempre motivo de muito orgulho.

“Um bom choro vale mais que várias
doses de tranqüilizantes”

Guillermo Ruben, apud
Fernanda Vomero (2002).

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma relação entre o ato de chorar e a sensação de alívio da angústia. E foi desenvolvida a partir de uma perspectiva histórica até uma perspectiva clínica, quando o choro é introduzido pelo teatro grego, dentro do conceito de catarse, e posteriormente, retomado pela clínica psicanalítica que articulou a função do choro à dinâmica do paciente dentro da análise. O choro do bebê foi inserido, por configurar-se como o primeiro passo para a entrada na linguagem, que incumbi os pais a mediar à passagem do simbólico para o real. E, por fim, o choro tem suas funções articuladas com o objetivo, ao qual se visava.

Palavra-Chave: Choro e alívio. Catarse. Linguagem.

ABSTRACT

This research has the objective to show the relationship between to cry and the sensation of relieve of anguish. It was developed from a historical perspective to a clinical perspective, when the crying is introduced by Greek theater, focusing on catharsis concept, and afterwards, it is resumed by psychoanalytic clinic that associated the crying functions with analysis of the patient. The baby's crying was added as the first step for entry into the language that forces the parents to mediate the passage from the symbolic to the real. And, finally, the cry has articulated its functions with the purpose to which it was intended.

Key-Words: Crying end relief. Catharsis. Language.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	O ATO DE CHORAR: UM DESENVOLVIMENTO DA PERSPECTIVA HISTÓRICA À PERSPECTIVA CLÍNICA.....	11
2.1	O ATO DE CHORAR E SUA RELAÇÃO COM A SENSÇÃO DE ALÍVIO: UM PERCURSO PELO TEATRO E PELO CONCEITO DE CATARSE.....	20
2.2.	A CATARSE COMO MÉTODO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA.....	26
2.2.1	O ato de chorar dentro de uma análise: funções e articulações.....	28
2.3	O CHORO DO BEBÊ: PRIMEIRO PASSO PARA A ENTRADA NA LINGUAGEM.....	39
3	CONCLUSÃO.....	46
	REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende mostrar que o choro pode causar o alívio da sensação de angústia através da liberação dos afetos, conforme concepções apresentadas tanto por Vincent quanto por Kottler, através de suas pesquisas realizadas em épocas distintas. Para isso, foi articulado o conceito de chorar com o conceito de catarse, praticado desde a Grécia antiga até a clínica psicanalítica freudiana.

Foi feito também uma pesquisa sobre a origem do aparelho psíquico, a transmissão de signos e a função desses enquanto linguagem, assim como sua importância na vida do sujeito desde o nascimento até a vida adulta. E, por fim, os resultados foram articulados a partir da ideia signos à função do choro com a sensação de alívio da angústia.

Ao observar que o choro freqüentemente surgia em meio a uma manifestação afetiva intensa, percebeu-se também que tal expressão parecia aliviar o sujeito imediatamente, após a descarregar dos afetos, em meio ao choro. Diante de algo que é expressão fisiológica, surgiu um interesse pela relação do choro com o alívio da angústia, pelo que pode carregar de símbolos e significados.

Conforme contextualização histórica o choro enquanto prática coletiva e unissexual predominante na Grécia antiga, assim como na França, por volta de 1800 passou por uma depreciação ao longo da história da humanidade. No século XIX já era possível observar uma contenção do choro, que saiu da esfera pública e se restringiu ao um momento particular, íntimo e, portanto, num ambiente privado, levando os afetos a passarem por uma repressão.

Como uma espécie de permutação de signos sociais, incluindo novos processos de civilização e implicando em hábitos mais disciplinados, degradaram-se as manifestações afetivas do choro por meio do teatro e da poética, enquanto processo catártico; e este só é retomado na clínica psicanalítica, casualmente, e utilizado até sua reformulação posterior.

Em estudos mais recentes, para alguns autores, o choro encontra um lugar no simbólico e manifesta-se como o pré - linguagem, que será inscrito e regido pelo inconsciente determinado pela relação e transmissão simbólica dos pais para o bebê.

O objetivo que aqui se pretende é mostrar que o choro sempre esteve presente historicamente na dinâmica psíquica do sujeito, e que não há uma causa específica para ele se manifestar, mas este vai surgir, sempre que for suscitado por manifestações afetivas intensas, talvez ameaçadoras da integridade psíquica do sujeito, ou ainda que seja para se obter um ganho secundário. O que importará é o valor simbólico e subjetivo que conterà, e que ao ser expresso, pode auxiliar na descarga afetiva, contribuindo para o alívio da tensão e para recomposição psíquica do sujeito, que conseqüentemente, cessa a sensação de angústia.

O que se visa com este trabalho, é propor reflexões sobre a função do choro enquanto composto da dinâmica psíquica do sujeito, e sua participação no processo catártico, chamando, quem sabe, a atenção de pesquisadores para esse fenômeno ainda tão enigmático, mas que se revela até aqui como um mecanismo que transcende os limites da repressão do sujeito e descarrega externamente.

O método utilizado para a pesquisa foi de consultas a livros, artigos e pesquisas de diversos autores das áreas de psicologia e psicanálise, que escreveram sobre os temas choro, catarse, linguagem simbólica, afetos e suas liberações por meio da comunicação com o outro e/ou isoladamente.

2.O ATO DE CHORAR: UM DESENVOLVIMENTO DA PERSPECTIVA HISTÓTICA À PERSPECTICA CLÍNICA

Em seu livro “História das Lágrimas”, Vincent (1988), aborda pontos relativos ao choro, à tristeza e as emoções que são levadas em conta para que um sujeito tenha vontade de chorar. Desde o início dos estudos sobre o choro, foi constatado que há um tipo de lágrima que é reproduzida involuntariamente, assim que uma pessoa é emocionalmente afetada. Circunstancialmente, um sujeito que chora é, portanto, tomado por sentimentos e signos que determinados por uma contextualização sociocultural simbolizam cada manifestação subjetivamente, exprimindo seus mais diversos elementos psíquicos, provocando assim, sensações, dentre elas, a de alívio.

O Psicólogo californiano Kottler (1997), instigado pelas manifestações lacrimais, com as quais tinha dificuldade de lidar - principalmente em seu consultório, empenhou-se em estudar tais manifestações por um longo período. Autor da obra “A linguagem das Lágrimas”, entre vários autores ele cita Freud - o pai da psicanálise, como criador da teoria de que nenhuma pessoa consegue guardar segredos e sentimentos, nem para si mesmo; pois quando a palavra não sai pela boca, o corpo exprime, seu olhar e gestos são lidos facilmente e esta acaba se traindo silenciosamente. O autor aponta aqui uma transcendência dos conteúdos da mente, que se expressam fisiologicamente, de forma involuntária e muitas vezes, inconscientemente.

Em se tratando de público, durante o século XVII o choro era praticado coletivamente, entre os íntimos, sem distinção de sexo. A partir do século XVIII, instauraram-se novos signos sociais, e a valorização das lágrimas passou por uma distinção de gênero. Vincent (1988) prossegue com sua pesquisa, revelando que quando as mulheres obtiveram o gosto e o hábito pela leitura a partir do século XVIII, chorar era fácil, considerado um dom por elas, e de certa forma, elegante, mas devia ser praticado inteiramente só, retido em algum aposento particular. As histórias românticas sentimentais, muitas vezes patéticas, de heróis, mocinhas e vilões, eram lidas freqüentemente, e agradavam donas de casa de todos os

continentes e justamente por isso, o exercício do choro era uma prática habitual. Um livro era considerado sucesso quando conseguia atingir a massa populacional emocionalmente; quanto mais lágrimas derramadas, mais o público gostava. Chorar por conta de algum romance em meados de 1800 era uma busca pelo existencial; um momento solitário em um cômodo podia alterar o modo do pensamento do leitor; pensamento este que apenas fora modificado pelo simples fato de ter sido tocado emocionalmente por meros textos. Essa emoção era levada pela necessidade de uma pessoa ser compreendida e consolada, pois os temas freqüentes nos romances eram a família, a amizade e o amor; três vínculos muito íntimos, na qual a capacidade de se emocionar com o outro, provava total fidelidade e de certa forma, um acolhimento.

Os pressupostos de Vincent (1988) é de que, emocionar-se com a comoção do outro é um fenômeno humanamente natural. É um sinal de reação emotiva para com o outro. Deixar-se fundir o choro, chorar junto e dividir lágrimas demonstra intimidade e transparência sobre tal emoção, pois o contrário, a felicidade do outro, também é considerada importante e necessária para um sujeito emocionado. De uma forma ou de outra, as lágrimas de um sujeito acabam envolvendo um terceiro elemento, até mesmo aqueles que demonstram insensibilidade ao próximo. E isso pode ser comprovado pelas próprias palavras da autora:

Essas regras de circulação íntima, onde figuram pais e filhos, apaixonados e libertinos, confidentes ou amigos em desavenças, traduzem, através das formas de chorar, as modalidades da relação privada. Confundidas ou dissimuladas, trocadas ou arrancadas, as lágrimas designam não só as estratégias, como também os deveres e direitos do coração. Os romances sentimentais, as correspondências e as memórias delineiam com insistência uma nova cartografia da Ternura, que, trágica, apaixonada ou familiar, não pode dispensar a efusão. A linguagem das lágrimas oferece combinações apropriadas para designar a atração natural entre íntimos, assim como os obstáculos que eles encontram. Termômetro das temperaturas emotivas, essas lágrimas desvelam a rede dos vínculos e a qualidade dos sentimentos (VINCENT, 1988, p.50-1).

Muito mais que uma reação fisiológica, o choro caracteriza-se como uma linguagem, íntima e transparente; cuja manifestação, revela um estado emocional. Culturalmente, tal expressão recebe formas variáveis de interpretações. Seja positivo ou negativamente, o fato é que há elementos psíquicos envolvidos, que verbalmente não poderiam ser expressos. Vincent (1988) revela que o ato de chorar traduz a ausência de comunicação quando o sentimento explode; é uma linguagem

universal, e sua troca renova votos, amplia e generaliza novos relacionamentos; pois até a compaixão por um desconhecido afeta os sentimentos de qualquer ser humano.

Para alguns autores o choro revela-se como uma representação de um estado emocional em forma de comportamento. Kottler (1997) cita o psicólogo Nico Frijda ao aludir que: “Muito mais eficazes que meramente pedir compaixão ou compreensão, as lágrimas incitam uma reação que as palavras não podem alcançar” (p.13). O autor insiste que estas “elaboram o significado de uma forma que nunca poderia ser descrita na conversa verbal” (p. 13).

Na teoria de Vincent (1988), fica evidente que as lágrimas em tempos remotos tinham como função uma exteriorização de uma sensibilidade, que se fazia indispensável aos homens de bem. Para a autora, pode parecer alívio perceber a tristeza em olhos alheios e não nos nossos, contudo essa percepção piedosa aflora e desenvolve o sentimento de humanidade entre as pessoas, uma identificação com o externo, um “otimismo filantrópico” segundo Vincent (1988). A autora menciona também que a “sensibilidade não produz grandes homens, mas (...) é possível criar hábitos morais e afetivos que incitam à prática do bem” (p.67). Gritar, sentir dor, sofrer e por consequência chorar, é considerado, uma forma de uso da linguagem.

Diante dessa afirmação, é possível observar a originalidade do fenômeno lacrimal. E mesmo tendo seu status alterado ao longo de alguns séculos, contemporaneamente, alguns valores a cerca dessa manifestação permanecem inalterados. Pois de acordo com Kottler (1997), há vários sentimentos que antecedem a manifestação do choro. Entre eles: dor, cansaço, tristeza, alegria, sofrimento, medo, alívio, recordações, desespero, depressão etc. Baseado em suas experiências profissionais, o autor vai além nas suas interpretações; afirmando que:

Para aqueles que estão em profunda depressão, o choro é como a respiração; é a forma de recobrem energia, inspirando o ar por soluções de desamparo, em vez de suaves suspiros de vida. Odeiam suas lágrimas, símbolos de sua impotência e desesperança. Sentem-se sem controle, como se seus corpos tivessem sido invadidos por um espírito alheio (...) (KOTTLER, 1997, p. 37).

Como linguagem, o choro tem suas especificidades simbólicas, mas nem por isso deixa de ser uma linguagem universal. Para Vincent (1988), o choro de uma

criança transmite sua linguagem e o seu sentimento natural; é o uma manifestação primitiva que configura sua iniciação no convívio social. Por isso, quando um bebê começa a emitir sons e se comunicar com o uso de sua língua materna, ele reduz em quantidades significantes seus choros e começa a expressar-se verbalmente. Segundo Kottler (1997), “O choro é, portanto, a primeira coisa que fazemos nesta vida. É causado pela vontade primordial de viver”. (p. 60). Por dedução, o choro do bebê aproxima a mãe de sua angústia, deixando-o confortável e íntimo de sua genitora. Trata-se de uma linguagem inata e involuntária.

Quanto às mulheres, sempre classificadas como seres sensíveis e emotivos, Vincent (1988) diz que estas são seletivas quanto ao choro, evitando uma demasia sentimental e tornando válida sua emoção. Deste modo, as lágrimas só vão rolar quando houver razões internas para que aconteçam; caso contrário, não há tal manifestação. Para Kottler (1997), a mulher expressa melhor seus sentimentos, tem bem mais facilidade para chorar do que o homem e consegue chorar por mais tempo. Isso acontece porque ela aprende desde cedo a manejar melhor sua raiva, expressando melhor seus sentimentos. Já com o homem ocorre o oposto: ele é estimulado a conter seus anseios, porque somente assim alcançará sucesso em sua vida. Comovem-se, contudo, não demonstram.

O choro, na teoria de Vincent (1988), pode surgir também, com a recordação de uma lembrança, uma melodia envolvente, um local peculiar, entre muitas outras coisas que dão continuidade ao início do choro. A produção de uma lágrima vem muito antes da gota rolar pela face, há sensações envolvidas, as quais podem ser confundidas, como é o exemplo da dor e da compaixão: esta tem resquícios de humor, gracejos e carrega boa índole. Há aquelas que fazem sofrer, machucam e podem trazer rancor. Dessa forma, ainda que na ambigüidade, o choro é uma expressão emocional, que uma vez suscitada, se faz necessário, seu extravasamento.

Ao passo que se inicia um novo século, como uma espécie de permutação altera-se os signos sociais e conseqüentemente, o status das lágrimas. A teoria do choro sai da posição de contágio pelo outro, voltando-se para os anseios do próprio sujeito, aludindo o alívio, conforme afirma Vincent (1988). Com base na sua pesquisa Vincent (1988) diz que, quando algo incomoda, as noites são mais longas,

o sono mais leve, o apetite menor e ao passo que se deixa chorar, a angústia é praticamente erradicada, as lágrimas as quais são derrubadas revigoram a alma e a sensibilidade. Vincent (1988) menciona Jean de La Bruyère, ensaísta francês atuante em meados da segunda metade do século XX, ao afirmar que tentar reter as lágrimas no século XVIII era um ato de extrema violência. Esta tese foi muito valorizada por Jean-Jacques Roubine teórico teatral que sempre defendeu a libertação do choro. Essa repressão pode ter levado a tragédia dramaturgica francesa a degradar-se a partir do século XVII, já que, como já citado, tudo era válido para conseguir uma gota de lágrima, uma vez que esta era o termostato positivo do sucesso, entre os dramaturgos.

Os dramaturgos, em meio a uma disputa pela apreensão do público à suas produções, lançavam idéias inovadoras ao teatro, influenciando novos modelos de pensamento. Vincent (1988) relata que depois de muito choro por motivos trágicos, desenvolveu-se a lágrima da felicidade, iniciadas pelas comédias sérias familiares, na qual era transpassada a semelhança com a vida do espectador. Emocionar-se de forma prazerosa através das lágrimas era permitido também com esta forma teatral, a qual releva o apego à família no século XVIII.

Se por um lado chorar no teatro é um código social, um fenômeno de treinamento grupal, ou até mesmo moda do natural, é, por outro, uma maneira de vivenciar uma idéia sobre o vínculo social, que é proposta pelos exuberantes discursos pronunciados pelos atores sobre a humanidade, a virtude, a generosidade, a excelência da natureza, maneira que é triunfalmente explicitada pelos dramaturgos (VINCENT, 1988, p.98).

Segundo Vincent (1988), ao final do século XVIII, a ação de chorar se especifica somente no ato de sentir dor. Dor abstrata, psicológica, que se revela em dor física, que é sentida nos órgãos humanos. A pesquisa da autora nos revela que essa tese é defendida por Étienne Pivert de Senancour, escritor francês contemporâneo e um dos maiores articuladores do método de alteração do status das lágrimas, que em seu livro *Obermann* aborda a temática da sensibilidade racional. Vincent (1988), guiada pelas idéias de Senancour, diz que: “sentir é um ato de conhecimento, e exige uma organização das percepções, que a emoção tornaria impossível” (p.133). Senancour consegue retratar muito bem esse sentimento quando seu personagem principal não é capaz de chorar com a morte de seu amigo, já que morto estaria livre de dores mundanas. Trabalhar o emocional dá ao homem

liberdade em relação aos choques emotivos, pois ele conhecerá a si próprio e se aprofundará no autoconhecimento dominador.

Para Vincent (1988), tal teoria rompe com os laços tradicionais: “efusões lacrimajantes” ficaram fora de moda e só são manifestadas por mulheres fracas e fúteis. Abalar-se pelo outro não é mais passível de desculpa para emocionar-se e chorar, passa a ser uma atitude ridícula e vergonhosa. É exatamente após esse pensamento que as lágrimas tornarão as mulheres seres fracos e frívolos, porque chorar de admiração é ultrapassado. No entanto, conforme Kottler (1997), as culturas são o que definem se o choro é expressão de liberdade ou de constrangimento, pois existe ambigüidade quanto à vontade de chorar. Enquanto há quem pense que é um momento de alívio, outro pensará que é momento de fraqueza e impotência. A cultura é o que avaliará o valor da lágrima.

Kottler (1997) cita o exemplo dos britânicos que não são acostumados a chorar e se orgulham disso. Segundo o autor, John Locke, filósofo inglês do século XVIII, já defendia o choro como um ato não civilizado, uma falha que não deveria ser tolerada nas crianças que emitem tal barulho desagradável. Kottler (1997) rotula de três formas as pessoas que não choram: o poço vazio, aqueles que negam e os que são submersivos.

No primeiro grupo, o choro não tem significado, devido ao controle da ativação emocional que ocorre em um nível fisiológico. O segundo grupo, aprendeu por condicionamento cultural, a exercer controle por meio da negação. Esse terceiro grupo realmente prefere não chorar. Todos têm as condições fisiológicas para chorar, mas são capazes de se convencer para reprimir essa reação (KOTTLER, 1997, p.79).

Vincent (1988), diz que para manter o entusiasmo pela literatura, pela emoção e pela individualidade no período pós-Revolução Francesa, no século XIX, a mulher começou a escrever seu próprio diário. Nele, ela colocava suas angústias, seus prazeres, suas intimidades, todos os sentimentos confidenciais que ninguém recriminaria. Com este livro particular em mãos, elas poderiam libertar-se do mundo caótico e prisioneiro, emocionar-se com as coisas do cotidiano, deixar suas lágrimas caírem com o que desejassem. A autora cita Benjamin Constant, pensador e escritor suíço, que também escrevia seu diário. Sua obra inicial *Adolphe* foi percussora dos romances modernos, disputando o desejo pela liberdade por meio das paixões, incertezas e conflitos internos.

Contrariando essa tradicional hipótese feminista, Henri-Marie Beyle, mais conhecido como Stendhal, defende que a arte da lágrima é de produção imediata, há efemeridade, e que, portanto, não tem marcação temporal. Deixar-se envolver por um diário sentimental era somente um modo de fuga para não enfrentar as comoções verdadeiras (VINCENT, 1988).

Culturalmente, Vincent (1988) afirma que somente o luto passou a justificar o choro do homem no século XIX. Se um homem aparecesse chorando nessa época, certamente, estaria em algum velório ou enterro de um ente próximo; do contrário, essa cena jamais era vista. Este ato sincero e involuntário valorizava-se por tocar nas camadas mais internas da alma, e dava virilidade ao sentimento de perda. Descontrolar-se e iniciar o choro era a tradução de um interior carregado o qual necessita extravasar de alguma forma, e encontra na lágrima a expressão exata de comunicação quando não existe verbalização para tal atitude. No entanto, para um homem chorar sozinho era necessário mais do que dor: era preciso transparência nos sentimentos, veracidade emocional. Esconder o sentimento o tornava cada vez mais real, por isso, quando não podia mais se conter, as lágrimas escorriam pelo rosto. Diante da nova realidade, os meninos aprendiam desde cedo que chorar era coisa de mulher as quais faziam uso da chantagem pelas lágrimas, e que eles deveriam ser fortes o bastante para ignorar seus sentimentos.

Vincent (1988), diz que as lágrimas literárias muitas vezes são comparadas com as litúrgicas nos meados do século XIX. Chorar enclausurado, às portas fechadas de um quarto escuro, como se estivesse rezando ou meditando, refletindo sobre se mesmo, sofrendo sozinho numa confissão particular com o seu deus, desse tonalidade mística às lágrimas. Não importa se era de arrependimento, de perdão, de remorso ou simplesmente de agradecimento por um episódio realizado, a leveza que se sente quando lágrimas escorrem pela face é imensuravelmente harmoniosa com a religiosidade.

Diante de novos conceitos sobre o choro, e mantendo o homem a necessidade de expressar seus sentimentos publicamente, lançou mão de um potencial mediador. Conforme anteriormente citado, Vincent (1988) insiste que os homens não choravam mais com frequência publicamente; já que não era viril, porém, havia algo que erradicava esse recatamento: o álcool. A embriaguês

libertava as emoções contidas, transformava estranhos em eternos amigos de infância, permitia ao homem que derramasse suas lágrimas sem envolver sua dignidade, pois estava fora de seu estado normal, suscetível ao sentimentalismo.

Vincent (1988), diz que a explicação para o choro pode ser dificilmente definida, com muitos motivos. Contudo, os sintomas da manifestação são denominados como “explosão, dilaceramento, tremor, agitação, sufocação, asfixia, (...) crises, (...) convulsões, (...) espasmos nervosos” (p.227). É impossível conter esses indícios quando há tristeza e dor; às vezes, os soluços são mais freqüentes que o próprio choro, pois é tão confuso no sentimento, que o corpo sacode e a respiração é cortada.

De maneira particular, os homens soluçam mais freqüentemente do que desmancham-se em lágrimas: parece que para eles é mais fácil controlar as efusões do que as crises. (...) Ele provém das entranhas, não pode ser dominado e, durante o ataque, torna o indivíduo estranho a ele mesmo, incapaz de qualquer resistência ou reflexão. A violência dessa explosão física indica repentinamente um ponto-limite da resistência emotiva (VINCENT, 1988, p.228).

Segundo Vincent (1988), por mais que o choro não seja másculo – é de fato a feminilização do homem o qual é transformado momentaneamente em ser emotivo e abandona a razão – podem-se guardar períodos de fraqueza, que o alivia da dor da circunstância. O fato de chorar aguça o aniquilamento da virilidade, ele se estranha por conter sentimentos. Já as mulheres, aliviavam instantaneamente a dor moral angustiante que se alojavam nelas. Suas lágrimas eram elementos imprescindíveis ao seu sistema nervoso, liberando todo o excesso de tensão. Contrariamente ao homem recatado, que seu pranto desesperador lhe era benéfico e a carência, inquietante.

A autora diz que o choro, por mais que fosse raramente controlado, era também uma forma de mostrar-se sensível ao outro; era necessário chorar para não ser considerado indiferente. Vincent (1988) cita Jean-Martin Charcot, médico e cientista francês, que alcançou fama no campo da psiquiatria na segunda metade do século XIX, defendendo a tese na qual a crise de choro juntamente com soluços salientavam o ataque de histeria.

Conforme Vincent (1988), diante da atualização literária com o Realismo, a literatura tornou-se menos sentimentalista. O choro passou a ser considerado para os escritores uma conduta ridícula e arriscada à moral familiar: os romances realistas levavam muitas mulheres a cometerem adultério e suicídio. Nesses contos, os personagens masculinos somente demonstravam suas lágrimas em situações desesperantes, e tal conduta deu força às mulheres sentimentais que deixaram se tornar resistentes às emoções, bem como suas personagens literárias. Ela menciona a corrente filosófica de Darwin, argumento utilizado no Realismo, determinava que as emoções só eram adquiridas se colocadas em contato com o sujeito; caso contrário, eram desconhecidas. O choro sem motivo era considerado de extrema loucura, não era ação de pessoas civilizadas e educadas, pois era cometido no desespero histérico com desgaste energético.

Já Kottler (1997), diz que dentro do conceito de energia psíquica de Freud, o choro pode ser representações simbólicas da descarga afetiva. O autor prossegue sublinhando os psicanalistas Edwin e Constance Wood que:

Conceituam o choro, em todas as suas permutações, como uma expressão da perda. É uma perda temporária de equilíbrio entre vários impulsos instintivos. Consistente com esse modelo de comportamento presente, associado a questões não resolvidas no passado, os psicanalistas vêem as lágrimas como regressão emocional desencadeada por alguma coisa que evocava uma experiência anterior (KOTTLER, 1997, p. 94).

Segundo Kottler (1997), a lágrima é definida no dicionário por: gota de líquido incolor e salgado, produzido pelas glândulas lacrimais, que umedece a conjuntiva e a córnea e mantém os olhos livres de poeira e corpos estranhos. Não possui, portanto, definição psicológica ou patológica. No entanto há “falsas lágrimas” que, utilizando o instrumento lagrimal de má-fé e de forma secundária, enganam e manipulam os mais inocentes, permitindo que se ganhe controle sobre o outro. Mas nestas circunstâncias, o ganho seria apenas secundário.

Vincent (1988), diz que no final do século XIX, o romance popular acentua o efeito das lágrimas, todavia, diferenciando o sentimentalismo das emoções. E no início do século XX, o romance policial era focado à leitura masculina, não possuía resquícios de sentimentalismo, pois se destacava deste – comum da literatura reservada ao público feminino. O autocontrole é ensinado às crianças desde pequena para que ela tivesse moralidade de caráter, e, caso não a tivesse, tornar-

se-ia um adulto fraco, talvez frio (sendo homem), ou então, plausível de sentimentalismos e sintomas exagerados (sendo mulher).

O estudo sobre o choro durante o século XXI foi realizado no período de 12 anos por Kottler. Ele acredita que o derramamento de lágrimas seja tão importante ao campo médico na fisiologia corporal quanto é para o equilíbrio emocional da mente. Segundo ele, apesar de o choro ser um símbolo de força humana, os extremos, chorar muito ou evitar o choro, não é uma atitude saudável, e só deve ser efetuada em caso de alto grau de necessidade. Elas evoluíram de sua função apenas de limpeza para uma questão de sobrevivência.

A pesquisa contradiz a teoria tradicional apresentada por Vincent, consagrada desde o final do século XVIII, a qual afirmava que chorar tornou-se sinônimo de instabilidade emocional. Nos estudos de Kottler, ele aponta sentidos que comprovam que o choro ratifica sensibilidade e intimidade, trazendo alívio às tensões e aos anseios e fortalecem o interior físico e mental.

2.1 O ato de chorar e sua relação com a sensação de alívio: um percurso pelo teatro e pelo conceito de catarse:

1º Percurso pelo teatro:

Numa rápida passagem pela história do teatro, pode-se verificar que sua própria concepção está intimamente ligada à sensação de descarga, na qual o choro sempre aparece como mediador, estando este implicitamente conectado aos elementos psíquicos expelido no processo catártico. Os espetáculos encenados, em sua origem, representavam experiências tanto vividas quanto fictícias, mas igualmente incitante da sensibilidade humana e propositalmente pensado para incitar e expulsar os sentimentos dos espectadores, libertando-os de seus próprios pudores.

No artigo cultura e pensamento, Voltaire Schilling (2010) aborda a origem do teatro e sua evolução ao longo da história grega, desde quando teve origem, cerca de cinco séculos antes de Cristo; na Grécia antiga. Este derivou-se dos rituais

místicos oferecidos aos deuses da divindade, em especial a Dionísio, o mais homenageado entre todos. Da música e da poética para as encenações trágicas e cômicas, que na seqüência ganharam máscaras, palcos e histórias específicos, e mais tarde, a arte do público feminino. Tal evento se dava em tempos de colheita, quando as comunidades festejavam em homenagem ao deus Dionísio, protetor das vindimas; cuja festa, durava por cinco dias, regada à base de muito vinho, provocando a irracionalidade, através de embriaguez coletiva. Pequenas encenações eram organizadas para entreter o público, alternadas entre sátira e drama, sempre acompanhadas de um coro, que tinha a função de externar, por meio de expressões fisiológicas, os momentos de alegria e de terror narrados por um regente. Foi a partir dessas celebrações que nasceu o teatro.

De modo geral, enquanto para nós, a tragédia é uma fatalidade de grande impacto, para os gregos, era uma representação artística de ações sérias e honrosas, cujo objetivo era afetar o público com sentimentos de horror e compaixão e provocar uma descarga emocional, libertando o homem de tais afetos (SCHILLING, 2010).

Segundo Schilling (2010), Aristóteles preocupava-se exclusivamente com a reação do público aos espetáculos encenados, e assegurava a importância de se provocar à catarse, para que um espetáculo trágico realizasse-se como obra de arte. Seu objetivo era sensibilizar os espectadores com as (...) “terríveis dilacerações do herói trágico”, ajudando o público (...) “a expelirem suas próprias dores e sofrimentos”, e dessa forma, a tragédia se associa a “purgação da alma”, ou seja, a liberação de afetos reprimidos. Essa concepção de Aristóteles é atribuída a sua formação médica. Ele associava a representação dramática a algo como “remédio da alma”, por acreditar que ajudava o público a libertarem-se da repressão e expressarem suas emoções.

O autor discorre sobre o que seria um espetáculo trágico nas sagas antigas. Toma como exemplo um vencedor, com títulos honrosos, no auge de seu sucesso e realização pessoal, quando repentinamente torna-se vítima de um acontecimento terrível, o qual provoca uma mudança brusca no seu destino, levando-o a desgraça e conseqüentemente à perda de sua alegria; definhando-se, no mundo das sombras (SCHILLING, 2010).

Ainda na mesma pesquisa são salientadas as características típicas de uma tragédia, e a necessidade destas ficarem evidentes aos olhos dos espectadores; tais como a dignidade da queda, o reconhecimento do herói e sua integridade moral, seguido da proporção dos fatos ocorridos; e por fim, a ausência de solução, diferente daquela determinada pelos fatos, tendo esta que ser aceita pelo herói, conscientemente. O conteúdo dos textos dramáticos, portanto, colocava em questão os valores morais do homem, sua vontade e as leis judiciárias, conflito este que deriva das tensões da relação do homem com fatores externos (SCHILLING, 2010).

De acordo com Schilling (2010), na filosofia estóica, a tragédia tornou-se inspiração para o sábio Sêneca (4 A.C. – 65), que demonstrava os terríveis estragos que a paixão humana provocava, acometendo aqueles que se deixavam levar pelos ardores do coração. O que pressupõe que a irracionalidade - enquanto predominante, faz conexão direta com a tragédia. No entanto, o cristianismo, banuiu a tragédia de suas concepções; por esta não reconhecer o arrependimento e a absolvição do infortúnio; ou seja, o perdão e a salvação do homem. Aqui, a idéia transmitida, é que independente da situação a qual o sujeito é acometido há sempre uma maneira de conduzi-lo e restabelecê-lo.

A tragédia é caracterizada pelo autor, como a criação mais original da Antiga Grécia. E apesar de gêneros como a sátira, a comédia e o drama terem sido explorados, nenhum deles alcançou a transcendência da tragédia, que se enraizou profundamente na cultura moderna, tradicional. Seu início foi a cerca de (536-534 a. C.), durante o governo tirano ateniense Pisístrato, quando se institucionalizaram as Dyonissia, uma espécie de “Concursos Trágicos”, disputados entre os historiadores (SCHILLING, 2010).

Na Grécia Clássica, época de Sócrates, o iluminismo se empenhava em desabrochar a racionalidade humana, em meio a um mundo tomado por idéias sobrenaturais e ambigüidades entre o pensamento racional e as pulsões do homem. Apesar disso, houve uma importante contribuição do pensamento racional na superação dos mitos dominadores, na sociedade grega. Com a expansão das cidades, a ampliação das relações econômicas e o aumento das classes médias, ocorreram descrenças generalizadas nos deuses homéricos; quando os sofistas do século, entre eles, Sócrates e seu discípulo Platão, lançavam dúvidas sobre tudo

aquilo que lhes parecia ortodoxo e dogmático, afetando assim as artes cênicas, segundo o autor (SCHILLING, 2010).

Nietzsche é citado, por acusar que a desagregação do trágico se deveu ao socratismo. Pois Sócrates, ao querer saber a origem dos comportamentos morais, determinando explicações coerentes para todas as sensações, impedia a espontaneidade, fundamental na representação, assim como na manifestação dos instintos (SCHILLING, 2010).

No entanto, o distanciamento da tragédia grega ocorreu por vários fatores, em meio a extremas complexidades sócio-históricas. Fatores políticos, mudanças sociais, movimentos sofista, entre guerras e disputas pela hegemonia do mundo, levaram o espetáculo cênico a deixar de ser um momento de encontro da comunidade com suas perplexidades, inspiração para reflexão e razão para uma catarse coletiva. Posteriormente, diversas correntes filosóficas denominadas de pós-sócrates, surgiram para sublimar as emoções coletivas, cuja característica, era a expressão subjetiva, o retorno ao privado, transferindo as preocupações do geral para o particular, fazendo surgir então, a filosofia existencial. Desde então, as angústias e anseios coletivos deixaram de ser representados pelas artes cênicas, que passaram a ser apreciados somente como divertimento e lazer (SCHILLING, 2010).

Santana (2009), apoiada nas idéias do filósofo grego Aristóteles, descreve a catarse como um “meio através do qual o homem purifica sua alma”, cujo método consiste em provocar o contato do homem com seu interior e liberar suas emoções reprimidas. O termo Catarse vem sendo utilizado desde a Grécia antiga, sempre visando à purificação do homem por meio da dramaturgia. A autora associa a catarse a forças exaustivas e pacificadoras, ambigüidade essa que sempre compunha os dramas representados nos palcos. A cultura grega predominava a reinvenção folclórica, da qual se originou o teatro e se propagou para outros continentes.

Sousa (2010) apresenta o teatro como um meio, pelo qual se exercita os conteúdos da mente. Ele salienta a importância da cultura grega na origem do teatro; que se sobressaiu dos rituais místicos e ganhou característica cultural

individualizada; transformando-se numa importante arte, voltada para o exercício do espírito humano. As máscaras usadas caracterizavam os papéis que eram representados somente pelos homens. Com a subdivisão do teatro para as modalidades trágicas e cômicas, as mulheres foram sendo inseridas nesse contexto; por acreditarem que estas, eram mais sujeitas às paixões e a miséria do homem.

Segundo Sousa (2010), autores contemporâneos como Ésquilo (525 – 456 a.C.) historiador dramático, assim como Sófocles (496 – 406 a.C.) autor das obras Édipo Rei, são citados como marco histórico no teatro grego; além de Eurípedes (445 – 386 a. C.), que historiava as paixões e a miséria do homem (representado pelo público feminino), e Aristófanes (445 – 386 a. C.), que transformava seu senso crítico e humor, em comédias.

Historicamente, o choro também foi uma prática muito valorizada pela filosofia moderna, época em que surgiu o público literário. Segundo Vincent (1988), em torno de 1820 qualquer homem poderia ser movido por suas emoções e demonstrar seu choro comumente em público. Nos famosos e particulares salões europeus de artes ou nos teatros clássicos, os atores com performances exageradas, desabrochavam a sensibilidade do choro em seus espectadores. A inspiração para as peças teatrais eram as mulheres, atrizes que davam o tom comedido para sensibilizar a plateia. O desempenho dos atores em fazer chorar e manifestar a emoção íntima do público arrastou-se do século XVII até o final do século XVIII, o século das Luzes, quando o Iluminismo surgiu e o racional começou a dominar as cabeças burguesas, pouco abaláveis com lágrimas. Apesar disso, importantes filósofos, como Jean-Jacques Rousseau e Denis Diderot, conseguiram se destacar pelo estudo da sensibilidade humana e obtiveram muito sucesso com as pesquisas sobre as lágrimas. Pois a partir dessas, produziam suas obras, cujos contextos melodramáticos - representados nos palcos, visavam o contágio da platéia e conseqüentemente, uma descarga emocional coletiva, através de muitas lágrimas.

Convém imaginar que tais representações incitavam em seus espectadores, um estado emocional que por si só não conseguia acessar, contendo esse em sua manifestação um valor subjetivo – seja de alívio ou prazer - considerável, caso contrário, não teria sido atribuído a tal prática, tamanho sucesso. Pois conforme Vincent (1988), no decorrer do século XVII, as lágrimas derramadas pelos teatros e

salões burgueses eram produzidas por conta de textos e peças românticas, insistência e preferência do público, que participavam de várias sessões, repetidamente, assistindo à mesma peça várias vezes só para ter o prazer de poder se emocionar e logo em seguida, chorar. O papel do ator dramático era de emocionar seus espectadores, tocar-lhes no íntimo, poder mostrar compaixão e semelhança com suas possíveis dores. Com uma arte moralizadora do século XVIII, as cenas comoventes expandiram a sensibilidade. Logo, a teoria sobre o choro surge, estudando como o teatro trabalha com o lado emocional do sujeito.

2º definição de catarse:

O Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa, do lexicólogo José Pedro Machado define a catarse como “alívio da alma e purificação, purgação” (MACHADO, 1967, p.568).

No mini Aurélio (2001), a catarse é denominada como uma purificação, decorrente da “Liberação de pensamentos, idéias, etc. que estavam reprimidos no inconsciente, seguindo-se alívio emocional” (HOLANDA, 2001, p.139).

Numa consulta online, uma versão mais recente do Aurélio, define a catarse segundo a psicologia como “tratamento das psiconeuroses que consiste em estimular o paciente a contar tudo o que lhe ocorre sobre determinado assunto, a fim de obter uma ‘purgação’ da mente”. Na filosofia grega aristoteana, ainda segundo Aurélio, a catarse era denominada como uma “*purificação*’ experimentada pelos espectadores, durante e após uma representação dramática” (HOLANDA, 2010).

No míni Houaiss (2009), o verbete catarse recebe a definição de “eliminação, purgação”; meio pelo qual o sujeito efetua a “liberação de emoções ou tensões reprimidas” ou a “evacuação dos intestinos” (HOUAISS, 2009, p.143).

Numa consulta online feita ao dicionário Houaiss, verificou-se a abrangência do termo catarse em vários contextos sociais. No religioso, define-a como “medicina e filosofia da Antiguidade, libertação, expulsão ou purgação do que é estranho à essência ou à natureza de um ser e que, por isso, o corrompe” (HOUAISS, 2010).

No teatro, a catarse recebe a definição de “purificação do espírito do espectador através da purgação de suas paixões, esp. dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação do espetáculo trágico” (HOUAISS, 2010).

A classe médica define a catarse como “evacuação dos intestinos”, enquanto a psicanálise atribui a esta a “operação de trazer à consciência estados afetivos e lembranças recalçadas no inconsciente, liberando o paciente de sintomas e neuroses associadas a este bloqueio” (HOUAISS, 2010).

Diante de tantas atribuições ao método catártico, pode-se constatar que a idéia de catarse apresenta a mesma conotação em todos os contextos. A tal método é atribuído um efeito libertador, utilizada por especialistas de diversos campos de atuação. Na psicologia, é definida como “liberação de emoções ou tensões reprimidas, comparável a uma *ab-reação*”, ou ainda como “efeito liberador produzido pela encenação de certas ações, esp. as que fazem apelo ao medo e à raiva” (HOUAISS, 2010).

Etimologicamente, o Houaiss define o verbete catarse como “*kátharsis*, eós 'purificação, purgação; mênstruo; alívio da alma pela satisfação de uma necessidade moral' “ (HOUAISS, 2010).

2.2 A catarse como método na clínica psicanalítica:

A catarse é um método de cura, que visa eliminar doenças de origem psicológica, por meio de expressões emocionais intensas, a qual tem como finalidade aliviar o sujeito das perturbações psíquicas. No início da psicanálise era um método sugestivo, através do qual o sujeito era conduzido pelo psicanalista, a percorrer o caminho da memória até as lembranças traumatizantes - que uma vez recalçadas e esquecidas, favoreciam o surgimento das perturbações psíquicas, vivenciando este “uma descarga afetiva com lágrimas e cólera”. Este método foi usado desde os primórdios da psicanálise, pelos estudiosos Breuer, Charcot e

Freud, sob a técnica da hipnose, e que mais tarde, foi substituído pela livre associação, conforme já citado.

A prática de confissões culposas dos católicos aos padres, se introduziu no campo da psicologia, também caracteriza e se assemelha ao método catártico, quando considera que tal atitude propicia ao sujeito culpado, o alívio da angústia.

Segundo Santana (2009), sob o critério de evolução histórica, a catarse passou a ser utilizada por estudiosos do campo da medicina. Freud, após presenciar a aplicação do método por Breuer em sua paciente, também passou a utilizá-lo. O método consistia na indução dos pacientes - hipnoticamente, a reviverem experiências traumáticas e “ab-reagí-las”, para obter a cura. Insatisfeito com o método, Freud o substituiu pela associação de idéias livremente, verbalizada.

Conforme a autora, para Jung, a catarse correspondia à primeira etapa de seu método de tratamento analítico. Ele afirmava que a liberação emotiva por meio da fala, propiciava a demolição de defesas internas enquanto auxiliava na descarga do self. Aqui de todas as formas, a catarse, assim como o choro, é uma forma de extravasamento das emoções (SANTANA, 2009).

Com o nascimento da psicanálise, tanto Breuer quanto Freud, retomaram o método para tratar patologias histéricas em seus pacientes. Posteriormente a essa conceituação diversos profissionais das ciências humanas, tem se utilizado do método; e inúmeros autores redimiram sobre a catarse, sempre apontando para uma mesma finalidade em diversos contextos. No vocábulo da psicanálise de Laplanche e Pontalis (2004), eles definem a catarse como:

Método de psicologia em que o efeito terapêutico visado é uma ‘*purgação*’ (catharsis), uma descarga adequada dos afetos patogênicos. O tratamento permite ao sujeito evocar e até reviver os acontecimentos traumáticos a que esses afetos estão ligados, e ab-reagi-los (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004, p.60).

Os autores citam Freud como principal utilizador do método catártico, cujo método, consistia na condução do sujeito em resgatar do inconsciente e reintroduzir “no campo de consciência experiências subjacentes aos sintomas” (p.61), que uma vez recalçadas, ficavam esquecidas, manifestando-se por meio de patogenias. Método este que estava intrinsecamente ligado à hipnose, e que ao ser percebido

por Freud como incompleto, foi substituído pela livre associação. Os autores continuam a discorrer sobre o tema, e afirmam que:

Essas recordações evocadas e mesmo revividas com uma intensidade dramática fornecem ao sujeito ocasião de exprimir, de descarregar os afetos que, originariamente ligados à experiência traumatizante, tinha sido de início reprimidos (LAPLANCHE E PONTALIS, 2004, p.61).

Estes afirmam que nos trabalhos analíticos, o efeito catártico ocorre de maneira singular, na atualização transferencial, assim como na elaboração e na simbolização da linguagem, segundo a psicanálise. Laplanche e Pontalis (2004) sublinham ainda a técnica do psicodrama aplicada por Moreno, como produtora de efeito purificador (catártico), por propiciar a liberação dos conflitos, por meio da dramatização.

2.2.1 O ato de chorar dentro de uma análise: funções e articulações

Este capítulo traz a história inicial do método psicanalítico, sua aplicação e as respostas obtidas, apresentadas por Freud (1910) publicamente pela primeira vez, em conferências a estudiosos contemporâneos à sua época.

Dentre as cinco lições de Freud, a Primeira Lição, discorre sobre o caso de uma jovem, que há tempos vinha sendo tratada por Breuer, a qual sofria com vários sintomas físicos e mentais considerados graves, sem que nada tivesse sido comprovado de anormal em seus órgãos, através dos exames objetivos. No entanto, havia passado por fortes experiências emocionais, enquanto vigiava seu pai enfermo, cuja gravidade, lhe permitiria pouco tempo de vida; momento este, no qual surgiram seus primeiros sintomas, ficando esta impedida de continuar a cuidar do pai. O fato é que quando os sintomas de tais pacientes eram percebidos pelos médicos distanciando-se dos comuns, por não haver afecções alguma no organismo, já não consideravam o caso tão grave, pois acreditavam que o quadro sintomático era um enigmático estado de simulações perturbatórias, comum as mulheres, denominado desde a medicina grega, de histeria (FREUD, 1910).

Segundo Freud (1910), o diagnóstico de histeria nada alterava para a paciente, se comparado ao de uma afecção orgânica; pois este exigia tantos cuidados clínicos, quanto o segundo. Já para os médicos, o mesmo não ocorria. Diante de tal paciente, sentiam-se leigos e desinteressavam-se pelo caso, privando-os de sua simpatia e atenção. Passavam a julgá-los como transgressores das leis de suas ciências, e acusavam-nas de exageradas e simuladoras. Mas Breuer, diferenciando-se dos demais, não negou auxílio à sua paciente e mesmo desprovido de intenções sobre sua cura, passou a observar que nos momentos de confusão mental, esta murmurava fragmentos verbais que se assemelhavam ao que parecia ocupar-lhe a mente. Tomou nota de tais palavras e colocando-a sob estado hipnótico, as repetiu para incitá-la a associar idéias, quando esta passou a reproduzir diante de Breuer, as criações psíquicas que lhe dominavam no estado de confusões (absence), contradizendo agora, as palavras isoladas, pronunciadas anteriormente. Entre fantasias e devaneios, expressos por meio de crises de choro e espasmos, sempre contidos de muito sofrimento, seus dramas partiam sempre das experiências vivenciadas à cabeceira de seu pai enfermo. Após relatar várias fantasias a esse respeito, sentia-se aliviada e reconduzida a vida normal; mas tal benefício, desaparecia no dia seguinte, dando lugar a novos delírios, que cessavam igualmente, ao serem submetidos ao método já aplicado por Breuer, denominado pela paciente de “cura de conversão”.

Verificou-se logo, como por acaso, que, limpando-se a mente por esse modo, era possível conseguir alguma coisa mais que o afastamento passageiro das repetidas perturbações psíquicas. Pode-se também fazer desaparecer sintomas quando, na hipnose, a doente recordava, com exteriorização afetiva, a ocasião e o motivo do aparecimento desses sintomas pela primeira vez (FREUD, 1996, p. 30).

Freud (1910) relata ocasiões em que, ao reviver e exteriorizar energicamente a cólera retida nas experiências desencadeadoras dos sintomas, a paciente de Breuer se libertava dos traumas e retomava as funções inibidas pelos mesmos, curando-se definitivamente. Ele afirma ainda que a histeria e a neurose advinha das fixações da vida psíquica aos traumas patogênicos, quando o sujeito que o vivencia, se prende a estes emocionalmente e passa a recordá-los, voltando-se para um passado doloroso, e se alheando a realidade do presente. Tais emoções distribuem-se por duas vias distintas: parcialmente, fica retida em um determinado “canal”, tornando-se fonte de excitação permanente da vida psíquica, enquanto a outra parte

se desvia para as inervações e inibições somáticas, convertendo-se em sintomas físicos, chamados de “conversão histérica”. Emoções estas grandiosamente variáveis, ao ponto que, se reprimidas vão reproduzindo sintomas permanentemente, até que quando liberadas, provocam a cura.

Na Segunda Lição, Freud (1910), revela a influência do psiquiatra Charcot, - de quem foi discípulo por um curto período, na formulação de suas novas concepções sobre a histeria. Passou a acreditar que o trauma psíquico era equivalente do trauma físico, conforme evidências apontadas por Charcot, sobre tal influência nas paralisias históricas. Ele contrapõe a idéia de Pierre Janet, discípulo de Charcot, que se aprofundara nos estudos da histeria; o qual afirma que tal patologia advinha de hereditariedades, causando desde o princípio, a degeneração do sistema nervo, comprometendo assim, o poder de síntese psíquica dos históricos, tornando-os incapazes de manter completamente, a multiplicidade dos processos mentais. Janet formula a partir daí, um conceito de dissociação psíquica, para justificar tal fenômeno. Freud por sua vez, diz que não há no histérico apenas uma fraqueza mental, pois por outro lado, este desenvolve uma espécie de “inteligência” compensatória, às áreas deficientes. No entanto, ele se abstém do conceito de dissociação psíquica de Janet, para formular a divisão da mente e a dissociação da personalidade, como eixo de um novo conceito. Surgindo a partir de então, o conceito de inconsciente.

Na teoria de Garcia-Roza (1996), ele traz a idéia de inconsciente, anterior à tese de Freud, a qual era atribuída um valor somente adjetivo, apenas para designar o que não era consciente; portanto, desprovido de qualquer valor psíquico independente. A partir da idéia de Freud, sobre a divisão da mente por forças que se contrapõe, Lacan reformulou tal idéia, segundo o qual ele afirmara que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Acrescenta Garcia-Roza (1996), que para os autores Laplanche, Leclaire e Lacan, a constituição do inconsciente ocorre quando o sujeito ingressa no mundo do simbólico, e consagra o recalque originário – cujo, será abordado em parágrafos posteriores. Os pressupostos de Laplanche segundo o autor, é que o inconsciente “possui o status da linguagem, mas não se identifica com a linguagem verbal. O que é nele alçado à categoria de significantes não são as palavras, mas elementos

retirados do imaginário, sobretudo do imaginário visual” (p. 190). Ele conclui afirmando que o imaginário é o que introduz o sujeito no domínio da subjetividade.

Freud (1910), já com o conceito de inconsciente introduzido em sua atuação clínica, e insatisfeito com o método hipnótico - o qual lhe oferecia recursos insuficientes e uma idéia de misticismo, resolveu abandoná-lo, tornando a catarse independente desse. E valendo-se de uma experiência de Bernheim, passou a proceder igualmente com seus pacientes. O novo método consistia na interrogação do paciente sobre a ocorrência que antecederia a patologia, e mesmo se este afirmasse nada saber, ele insistia, afirmando que era possível lembrar, e que tal lembrança seria a que surgisse, quando lhes tocasse a fonte. Diante das revelações de seus pacientes ele afirma:

Dessa maneira pude, prescindindo do hipnotismo, conseguir que os doentes revelassem tudo quanto fosse preciso para restabelecer os liames sintomas. Esse processo era, porém, a cabo de algum tempo, extenuante, inadequado para uma técnica definitiva (FREUD, 1996, p.38).

Mesmo depois de comprovar que as memórias patogênicas ressurgiam, quando estimulada à consciência, Freud (1910) percebeu que havia uma força, que por sua vez as detinham, a qual denominou de resistência. Dessa idéias reformulou sua concepção a cerca dos processos psíquicos na histeria, uma vez que para obter a cura, era necessário que o paciente suprimisse tal resistência. Partindo desse mecanismo formulou a idéia de que “As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes” (p.39). A esse processo nomeou de repressão e julgou-o acrescido da resistência. Ele o descreve da seguinte forma:

Era, portanto, a incompatibilidade entre a idéia e o ego do doente, o motivo da repressão; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças repressivas. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; a repressão evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica (FREUD, 1996, p. 39).

Porém, Freud (1910) diz que tais impulsos desejosos ao serem expulsos da consciência, geram conflitos entre forças mentais contrárias, dando origem a uma luta ativa entre consciente e inconsciente, e se manifestam disfarçadamente em forma de sintoma, tão logo se fizesse oportuno, causando então, a mesma sensação

de desprazer, a qual se evitara ao suprimi-los. Ele, por sua vez, salienta a importância do terapeuta enquanto mediador pacificador de tais forças, para desfazer a repressão e restabelecer o paciente, ao reconduzir o sintoma inversamente, pelo mesmo percurso, até a idéia reprimida da qual se formara.

Já na Terceira Lição apresentada por Freud (1910), ele reconhece a ineficiência do método sugestivo do qual se valera para substituir o hipnótico, ao perceber que as lembranças ressurgidas na consciência de seus pacientes, nem sempre eram as originárias dos sintomas, vinham estas muitas vezes disfarçadas, sem obedecerem uma ordem. Influenciado pelas idéias de Jung, ele passa então, a fazer uso de um novo método, denominado de livre associação, conforme descrito por ele:

(...) convém dar o nome de 'complexo' a um grupo de elementos ideacionais interdependentes, catexizados de energia afetiva. Vemos assim que partindo da última recordação que o doente ainda possui, em busca de um complexo reprimido, temos toda a probabilidade de desvendá-lo, desde que o doente nos proporcione um número suficiente de associações livres. Mandamos o doente dizer o que quiser, cômicos de que nada lhe ocorrerá à mente se não aquilo que indiretamente dependa do complexo procurado (FREUD, 1996, p.45).

Notando ainda a presença da repressão no novo método, Freud (1910) informava o paciente sobre tal possibilidade, pedindo-o que renunciasse qualquer censura, sem exceção, por mais absurda que esta lhe parecesse.

Freud (1910) discorre também sobre seu estudo dedicado A Interpretação de Sonhos, revelando a potencialidade desse importante mecanismo de elaboração, enquanto acredita que este é o meio mais seguro de se penetrar o inconsciente, no qual também se faz presente à mesma resistência, atuante na formação dos sintomas; disfarçando assim, todo o conteúdo, que se manifesta através destes para elaborar os desejos reprimidos.

Em sua tese o autor Garcia-Roza (1996) afirma que é nas lacunas que os psicanalistas devem buscar uma abertura para o inconsciente do sujeito, cujo sentimento de ultrapassagem que esses fenômenos provocam no analisando, deixa-o perplexo, ao perceber que há algo que se impõe a sua fala, como se fosse outro sujeito, desconhecido a ele e seu opositor. "Os fenômenos lacunares são, portanto,

indicadores de uma ordem, irredutível à ordem consciente e que se insinua nas lacunas e nos silêncios dessa última” (p.173).

As lacunas são também nomeadas de lapsos de linguagem por Freud (1910), que reconhece nessas falhas, comuns a todos os sujeitos, sejam normais ou neuróticos, nada mais que os equívocos verbais, os esquecimentos repentinos, os atrapalho executáveis, atos e expressões corporais por meio de gestos, impercebíveis ao emitente, ou se não, destituído de valor mental para o mesmo. Para ele essas “coisinhas”, que denominou de “atos falhos”, são extremamente importantes:

(...) verifica-se que mais uma vez exprimem impulsos e intenções que devem ficar ocultos à própria consciência, ou emanam justamente dos desejos reprimidos e dos complexos que, como já sabemos, são criadores dos sintomas e formadores dos sonhos. Fazem jus à mesma consideração que os sintomas, e o seu, e o se exame, tanto quanto o dos sonhos, pode levar ao descobrimento da parte oculta da mente. Por elas o homem trai, em regra, os mais íntimos segredos (FREUD, 1996, p.50).

O autor, não nega sua fé determinista na vida mental, e diz que “não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas” (p.50), pois para todas elas, há motivos suficientes para serem expressas (FREUD, 1910). Lamentavelmente ele não especifica tais manifestações, mas hão de convir que o choro é suscitado sempre numa conexão com algo íntimo, oculto ao outro, se não a se próprio. Pois há muitos que choram, sem nem mesmo saber, por que o fazem...

Na Quarta Lição, Freud (1910) faz alusão à sua tese de que todos os sintomas patogênicos por ele analisados, entre outros exemplos dos quais se valera, advinham da natureza dos componentes instintivamente erotizados; e que tais perturbações psíquicas manifestavam-se desde a infância, dando origem aos sintomas patogênicos, que se revelariam na vida adulta, tanto do homem quanto da mulher.

Conforme escreve Freud (1910) em sua Quinta Lição, o sujeito adoece quando em sua vida adulta não tem suas necessidades sexuais satisfeitas, seja por obstáculos externos, seja por inaptações do íntimo, passando este a se refugiar na doença, para obter através de seu auxílio uma satisfação substitutiva imediata. Esta se dá pelo percurso da regressão às fases primitivas da vida sexual, onde

certamente lhe foi prazeroso; regressão esta que mostra-se, tanto no aspecto temporal - quando a libido volta a fixar-se aos estados evolutivos mais remotos, quanto no formal - quando pela mesma necessidade de manifestar-se, emprega os meios psíquicos originários e primitivos, orientando-se em ambos os aspectos para a infância.

Outro fator apresentado na atual lição é o fenômeno transferencial, o qual decorre da relação entre terapeuta e paciente, conforme descrito pelo autor:

(...) o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes (FREUD, 1996, p.61).

Apesar de reconhecer a importância da transferência, a qual se faz indispensável ao tratamento terapêutico, Freud (1910) afirma que esta não é um veículo exclusivo da psicanálise, e revela sua presença comum, em todas as relações humanas, enquanto a psicanálise, apenas a desvendou apropriando-se da mesma.

Freud (1910) apresenta ainda a “sublimação”, como um método alternativo pelo qual poderia o sujeito dar vazão às energias psíquicas primitivas, ao invés de reprimi-las, investindo-as em outro alvo, que não necessariamente fosse de ordem sexual, mas a qual fosse atribuído maior valor social e tivesse fácil aceitação.

Ainda no texto de 1910, Freud afirma que as exigências sociais são muitas vezes responsáveis pelo surgimento das neuroses de muitos humanos, que ao se deparar com as dificuldades imposta por tal civilização, se distanciam da realidade.

Retomando agora, a teoria de Garcia-Roza (1996) sobre os mecanismos inconscientes formulados por Freud, numa breve explicação, ele diz que por meio das pulsões, imaginário e simbólico, constitui-se o primeiro corte libidinal da vida do recém-nascido. Este ocorre quando nasce o bebê; é na separação do recém-nascido da mãe, pelo corte do cordão umbilical e pela perda da proteção uterina, que o bebê registra sua primeira sensação de perda. Simbolicamente, é como se houvesse perdido parte de si mesmo, registra-se um objeto faltante, a qual Lacan denomina de perda originária. A perda aqui se refere não à separação da mãe, mas

a perda do envoltório anatômico de completude, cuja perda, designa a este limites corporais, que será atribuído pelo homem.

De acordo com Garcia-Roza (1996) esse corte da libido ilimitada é o que configura o recalque primário; é a primeira sensação de perda experimentada pelo recém-nascido. Esta ficará inscrita no seu aparelho psíquico e marcará a origem do inconsciente; mesmo antes de haver uma consciência; e por isso lhe é negado o acesso consciente a tal perda, que por consequência, se tornará fonte de desprazer, a qual moverá o sujeito a buscar sua completude, em objetos exteriores. Com esse corte libidinal, perde-se a pulsão ilimitada e a partir de então, a libido tomará como fonte de expansão, as zonas erógenas, através das quais se manifestará apenas parcialmente. Presa a um objeto imaginário, a libido será marcada pela perda, por uma falta constante, essencial à vida de todo ser humano.

Partindo do recalque primário, são esses elementos significantes, ou letras, que primeiramente constituirão o inconsciente, segundo Garcia-Roza (1996). É por meio da pulsão, parcialmente ligada as zonas erógenas, que a psicanálise primeiramente se direciona a subjetividade; ao afirmar que tendo a criança perdido uma parte de si mesmo ao nascer, buscará dentre os objetos externos, algo para suprir a sua falta. Sendo que sua primeira fonte de prazer será o sugar no seio da mãe. Este se revelará a princípio, como objeto de autoconservação, e posteriormente, como objeto da pulsão; pois tanto saciará sua falta orgânica, quanto sua falta objetual.

Conforme Jerusalinsky (2008), as condições para se efetuar a transmissão da linguagem à criança, se dão por meio de elementos que ativem o dispositivo cerebral pela construção da generalização de esquemas sensório-motores interiorizados, pela linguagem de uma escrita e pela linguagem de uma fala. Segundo o autor: “O sujeito deriva dessa operação de separação entre o objeto e o signo que o nomeia já que, doravante, a pequena criança terá que se afiar do significante para agenciar um saber” (p. 185), portanto, (...) “a linguagem se transmite como uma fala sendo essa a razão fundamental pela qual o sujeito está estruturado como um fala-ser” (p. 186).

Para Jerusalinsky (2008) autor da obra “Saber Falar”, a psicanálise e a lingüística são os dois campos mais importantes em relação às teorias sobre o sujeito e a linguagem. Ele afirma que antes da fala há um registro de percepções que passa pela memória como uma forma de linguagem e que posteriormente esses objetos perceptivos, começam a serem apagados da memória da criança, sendo substituídos pelos signos, que se articulam numa linguagem, iniciando à fala. Essa foi uma das hipóteses estudada por Freud e sua obra junto ao trabalho de Saussure no campo da lingüística forneceu a base para que Lacan desenvolvesse sua teoria entre o sujeito e o significante; a qual concebe o significante vazio sem o significado. O significante nomeia o choro do bebê que disto fará um significado. O choro que alivia o adulto no ato de chorar carrega tal marca e mais que uma descarga vazia marca um sentido para o sujeito.

Freud (1914), em seu escrito Recordar, Repetir e Elaborar retoma as técnicas psicanalíticas desde o princípio e apresenta suas alterações ao longo de sua trajetória profissional; desde o processo catártico pela hipnose até a associação livre. Esta última, diferentemente da primeira, não consiste em fazer o paciente recordar lembranças esquecidas e reprimidas, mas em expressá-las pela atuação. “Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o estar repetindo” (p.165). Dessa forma, pode-se supor que o choro dentro da análise, denuncia não só uma descarga, mas também um sentido primitivo do sujeito, se considerado que este faz parte de um composto de signos sociais, que se manifestam simbolicamente desde a mais tenra infância.

Freud (1914) diz que o paciente em análise não fala apenas dos desafios, impasses e constrangimentos sexuais de sua infância, mas ele vive tudo isso na relação com o analista. Tudo isso é decorrente de um processo de resistência, que a princípio, predomina a relação médico paciente. É uma espécie de compulsão do sujeito à repetição, típica maneira de recordar, conforme relato do próprio Freud. “Logo percebemos que a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (p.166).

Segundo Freud (1914) a compulsão à repetição, substitui o impulso a recordar não só na relação com o analista, mas esta se propaga para todas as demais relações externas do paciente, à análise. Sendo que a intensidade da resistência é o que determinará a extensão com que a repetição substituirá a recordação e cabe ao analista abrandar as resistências do paciente, para que o recordar aconteça.

Para concluir trago à fala de Freud ao dizer, “que o paciente repete ao invés de recordar e repete sob as condições da resistência” (p. 167), tudo que havia avançado desde a fonte do reprimido para a personalidade manifesta. Ou seja, as inibições, as atitudes indesejáveis, os traços patogênicos, os sintomas, etc. Sendo assim, sua doença jamais cessará no início da análise e esta deve ser tratada como uma força atual e não como acontecimentos passados. Todavia, abstendo-se o analista, do manejo da transferência, para reprimir a compulsão a repetição do paciente, transformando-a num motivo para recordar, concomitantemente a tais sintomas, fornecendo novos significados transferenciais, que favorecem a substituição da neurose comum pela neurose de transferência, por meio da qual, a cura vai sendo favorecida. Neste contexto, o choro pode surgir não apenas como uma via de descarga dos afetos reprimidos, mas também como uma maneira de reintegrá-los à lembrança que um dia, o recalque separou da experiência, ficando este impedido de vivenciá-lo.

Sendo assim, o fenômeno transferencial ocorre inversamente à seqüência temática: repete-se para recordar e recorda-se para elaborar. O comportamento do choro em conexão com essa concepção de Freud pode revelar ao analista um estágio primitivo do sujeito. Em suma fragilidade o paciente repete uma dinâmica infantil, requerendo cuidados assistenciais para se restabelecer e progredir para um próximo estágio. Como se pode notar, um paciente que se encontra muito fragilizado no início da análise, conforme vai se restabelecendo seus choros vão reduzindo gradualmente, até cessar ou avançar para outros estágios, conforme segue explicações do próprio Freud no texto construção em análise de 1924.

No texto Construções em Análise Freud (1924) traz os objetivos do trabalho terapêutico, segundo o qual, visa-se induzir o paciente a abandonar as repressões

“própria a seu primitivo desenvolvimento e a substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psíquica mais madura” (p.275).

Freud (1924) diz que este “deve ser levado a recordar certas experiências e os impulsos afetivos por ela invocados, os quais, presentemente, ele esqueceu” (p. 275). É evidente que o autor não especifica aqui o que seriam tais impulsos afetivos, mas o que se pressupõe é que assim como no método catártico iniciado por Breuer, o choro integre essas manifestações psico-afetivas, fazendo escoar as emoções implicadas, libertando assim o sujeito das mesmas.

As fontes que possibilitam essas recordações são as associações livres, os sonhos, atos falhos, e principalmente o repetir na relação transferencial com o terapeuta, que tem por sua vez, a função de completar as lacunas, ou seja, “aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si, ou mais corretamente, construí-lo” (FREUD, 1924, p. 276).

Tudo leva a crer que o autor está se referindo a um estágio infantil, cuja expressão (reconstrução), já pressupõe um princípio, a partir do qual se inicia o processo de reconstrução, para se restabelecer o aparelho psíquico. Uma explicação metafórica é oferecida pelo próprio Freud (1924), que diz que o trabalho de reconstrução do analista se assemelha ao de um arqueólogo, quando considera que o que diferencia tais procedimentos, são as condições de trabalho do analista e a quantidade de material à sua disposição, por tratar de um sujeito que ainda está vivo e possivelmente por outros motivos, enquanto o arqueólogo tenta reconstruir algo totalmente destruído sem muita certeza da origem das partes recuperadas; prossegue Freud:

Mas assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permanecem de pé, determina o número e a posição das colunas pelas depressões no chão e reconstrói as decorações e as pinturas murais a partir dos restos encontrados nos escombros, assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise (FREUD, 1924, p.277).

Freud (1924) diz que ao contrário do trabalho do arqueólogo, que tem pouca probabilidade de reconstruir seu objeto – dependendo da intensidade do impacto destruidor entre outros motivos técnicos, com o objeto psíquico é diferente;

pois neste há apenas lembranças “enterradas” e esquecidas, mas ainda sim presentes, e que para o analista, custa acreditar “que alguma estrutura psíquica possa realmente ser vítima de uma destruição total” (p.277-78). Diante desse conceito de reconstrução formulado por Freud (1924), é possível pensar no choro também como uma forma de lamentar o engano a qual se acometera o sujeito, ao ter suas construções fantasiosas apontadas pelo terapeuta. O choro pode surgir com a aproximação da realidade negada, ao estar o sujeito, prestes a tornar-se consciente das mesmas. E nessa circunstância, o choro possivelmente teria a sensação de alívio anulada, mas da mesma forma, conotaria a expressão de algo significativo ao sujeito e tão íntimo, que a verbalização não expressaria seu valor.

2.3 O choro do bebê: primeiro passo para a entrada na linguagem

Depois de um longo período de práticas psicanalíticas numa maternidade, Szejer (1999) apresenta os métodos aplicados tanto às mães quanto aos recém nascidos, como um instrumento diferenciado pela técnica, mas igualmente revelador da linguagem do inconsciente de todo ser humano.

Em função de uma rica experiência ao lado da Dra. Françoise Dolto, seu livro “palavras para nascer” é repleto de exemplos dessa conceituada psicanalista, que foi precursora de trabalhos com recém nascidos, sempre ressaltando o poder da palavra. Segundo Szejer (1999), Dolto tinha um jeito único de se comunicar com as crianças, “Ela falava muito com os bebês, ela achava que com eles se trocavam palavras de forma mais direta do que com os adultos” (p. 34). A autora afirma que Dolto, sublinhava sempre, que na idade pré-verbal a criança exprime algo, que vai além da palavra falada. Mas foi sua percepção da rápida reconstituição psíquica das pequenas crianças, cujos sintomas - independente da gravidade, desapareciam no espaço de algumas sessões, que lhe despertou o interesse em trabalhar com estas, logo que nascessem; e por que não, numa maternidade? Sua tese defende arduamente o poder da verbalização simbólica do inconsciente. Ela diz que só de

ouvirem suas histórias que até então lhes faltavam pedaços e conseqüentemente um sentido, os sintomas dos bebês desapareciam.

Para Szejer (1999), ao nascer o bebê já vem com todo o histórico e origem de seus pais e familiares, portanto o trabalho da psicanalista tem como objetivo, evitar que os traumas psíquicos dos pais sejam transmitidos ou carregados pelos filhos, para que não venham se transformar em sintomas patológicos.

No entanto, o diferencial dessa prática, está no uso do olhar inicialmente. Observa-se, no ambiente hospitalar, a cena em que o recém-nascido é incluído no espaço de fala dos protagonistas de sua história, e só depois se propõe a escutá-los. Pois para a autora, o simbolismo inconsciente dos pais, assim como o discurso, tanto definem a constituição do bebê como o lugar que este ocupará em suas vidas e na sociedade. Quando se fala com um bebê o faz compreender o meio e a razão pela qual ele vive, segundo a autora:

(...) a voz é aquilo por meio do que o bebê é simbolizado no Outro, porquanto ele é representado, falado, vocalizado em relação ao outro. Pela voz de outros homens, o recém-nascido deixa de ser apenas um corpo, e passa a ser um ser inserido no simbólico (SZEJER, 1999, p.43).

Segundo Szejer (1999) é possível afirmar que os bebês nascem com todos os seus sentidos aflorados e que com o decorrer do tempo eles são desenvolvidos; porém já existem desde o nascimento e que os pais devem usá-los como meio para se vincular a seus filhos. Pois segundo a autora, o recém-nascido reconhece a voz dos pais desde o ventre da mãe e consegue distingui-la de outros sons uterinos. Este reage a voz da mãe e aos gestos emitidos; para ela, “eles falam antes de saber falar” (p.63), mesmo sem compreenderem o que fazem e o que lhes é dito, estes dispõem de recursos para entender e emitir mensagens.

Para Szejer (1999) o vínculo familiar é primordial para o desenvolvimento saudável do bebê, e preservá-los é de extrema importância. Pois esses laços são criados a partir da gestação e devem ser continuados e intensificados com o nascimento, através do toque, das palavras de afeto, do cheiro, etc. Pois diz a autora que, “O filhote de homem nasce de um projeto cujo destino é contrariado em maior ou menor medida, ele vive simbolicamente de um banho de linguagem no qual ele se constrói” (p.79).

Conforme Jerusalinsky (2008), para os lingüistas, a “língua materna” é o (...) “idioma da família em que a criança nasce e adquire a língua” (p. 75), porém essa afirmação não é de todo verdadeira para o autor. Pois ele considera que há diversas influências além da família: dentre elas, à mídia, informática, modelos de comunicação (ex. outdoor), marcas, misturas de idiomas, etc. E diz que o que a obra freudiano-lacaniana afirma, é que o código da língua é transmitido através de seu meio social.

Szejer (1999) afirma que o bebê reage aos estímulos verbais dos pais, mesmo antes de seu sistema auditivo se tornar funcional. Estudiosos da área dizem que a comunicação ocorre através da pele, pois o feto responde tanto à fala quanto ao toque dos seus pais. Trata-se de uma linguagem sensorial, ou “auditivo-tátil”, que se estabelece somente com os íntimos. Os vários movimentos do feto em resposta aos estímulos dos pais, ela chama de “O balé uterino... espantoso ao qual o feto convida constitui (...) uma primeira abertura do corpo para a linguagem” (p.80). A explicação vem dos haptoterapeutas “que concebe a criança como alguém em busca de sentindo e de comunicação desde a vida intra-uterina” (p.81). A autora afirma que o vínculo afetivo, tátil e auditivo dos pais com o bebê, se estabelece desde seus primeiros dias de vida intra-uterina, e frisa a importância de mantê-lo e intensificá-lo após o nascimento; ela diz que há uma necessidade “de manutenção e de reatualização de um substrato perceptivo e linguageiro preexistente” (p.84).

Com base em suas experiências, Szejer (1999) afirma que a criança antes mesmo de adquirir qualquer linguagem é capaz de guardar consigo mensagens codificadas e que a mesma terá efeitos sobre seu corpo, mas sua chave jamais tornar-se-á consciente ao próprio sujeito. Ela levanta a hipótese de que através de um processo de memorização sensorio corporal, o corpo torna-se o lugar da própria linguagem.

A psicanálise entra no campo da linguagem pela fala, ou melhor, pelo método de escuta da “fala”. Portanto, faz o caminho inverso da lingüística. Pois as línguas são determinadas pelas suas culturas e é função da mãe transmiti-la e direcionar o seu bebê ao mundo. Portanto, é a mãe que oferece os caminhos para a criança sair do mundo simbólico e entrar no mundo da língua (JERUSALINSKY, 2008).

Szejer (1999) se utiliza do conceito de aquisição da linguagem de Edelman, que consiste em duas etapas: primeiramente, há de se ter uma consciência primária, que seriam percepções das experiências já internalizadas junto às sensações de prazer e desprazer; e em segundo, uma consciência denominada de ordem superior que consiste “em tornar nossas as sensações às quais nossa consciência primária atribui este ou aquele valor, em ‘encarná-las” (p. 96). Esta última sendo a principal característica do humano, que Szejer chama de “uma memória simbólica”, por chamar a atenção para as singularidades de cada um. Portanto, para um psicanalista, “Importa mais dizer que a linguagem, como as sensações, constrói-se com o outro, e acrescenta graças à prática com os bebês que essa construção é mais precoce que o aparecimento da própria linguagem falada” (p.96). Portanto, o ato de chorar do bebê, solicita que o outro venha e lhe interprete, que lhe pegue no colo e que tente cessar o choro decifrando o som que vem vazio, sem articulação ao significado. É pelo choro interpretado pelo outro que o bebê passa a ser interpretado e a ser incluído na linguagem que já está no meio antes dele nascer.

Apoiado nas idéias de Leví-Strauss, Garcia-Roza (1996) apresenta uma relação entre inconsciente e simbolismo, afirmando que assim como o simbolismo constrói o social, o inconsciente atua como uma lei construída pelo simbólico. Diz o autor que:

O acesso ao simbólico é, portanto, a condição necessária para a constituição do inconsciente e, evidentemente, também do consciente. Inconsciente e consciente se formam por efeito de um mesmo ato e não o segundo como um epifenômeno do primeiro. É a aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbolismo e a conseqüente clivagem da subjetividade (GARCIA-ROZA, 1996, p. 176).

Já Szejer (1999), diz que Edelman defende os significados atribuídos aos símbolos e supõem que as estruturas simbólicas têm um sentido desde o princípio. E, “O que importa compreender é que os modelos cognitivos idealizados recorrem à encarnação conceitual e que esta se efetua graças a atividades corporais anteriores à linguagem” (EDELMAN, 1992, p. 315-322 apud SZEJER, 1999, p. 96-7).

Diz Szejer (1999) que “Portanto, o cérebro humano estaria programado para a fala. Pelo menos para emitir sons. Um bebê, na maternidade ou em outro lugar, chakra, grita, chora, sorri” (p.97). Ela afirma que nessa “linguagem” há uma tentativa de comunicação, evidente, que não em forma de diálogo, mas como uma maneira

de se fazer entender. Ela aponta o choro como a primeira manifestação do bebê ao ser introduzido no mundo e a expressão vocal favorita dos recém nascidos. A autora cita a experiência de Cyrulnik, especialista em comportamento, que através de gravações do choro de recém nascidos constatou que assim como as sensações, a “fala” de um bebê, também depende da fala de um adulto. Essa comunicação se comprova por que: “Durante os primeiros dias, tudo ocorre como se os bebês só produzissem a título de sons gritos que são igualmente ecos fônicos de seu estado” (p. 98). Ela diz que estes choram para constatar faltas e desconfortos; seja, fome, sono, dor, frio; “É uma simples constatação do que sentem, uma espécie de salmodia que traduz suas sensações” (p. 99), e instala entre mãe e filho um mecanismo íntimo de comunicação, a partir do qual a criança percebe que através dessa manifestação sua mãe consegue prevê suas necessidades. Portanto, o choro é uma espécie de “linguajar simbólico” que varia da mãe e se dirige a ela, a partir do qual, o bebê se faz escutar e tem suas necessidades saciadas.

Jerusalinsky (2008) cita Didier-Weill ao sinalizar que o trauma não advém da ausência da mãe, mas sim da mãe ausente. O que indica, que se a criança chora e a mãe não lhe dá atenção é mais significante do que não ter a mãe. O conceito do autor é de que seria função da mãe mostrar o caminho da fala para o bebê, pois quando a criança, o *infans* (aquele que não fala) não consegue encontrar uma função simbólica que o signifique, que interprete seu choro, então tenderá a ficar de fora da linguagem (caso extremo, o autismo) ou não conseguirá identificar o real (como nas psicoses) ou simplesmente entrará no mutismo (casos que emitem um som não identificando quem é seu sujeito). A exemplo desses sintomas, Jerusalinsky (2008) cita os psicóticos ao afirmar que estes formam seus significantes de forma arbitrária, capturando imagens e sons de suas alucinações, e, portanto, ao contrário do que acontece com o autista, “o psicótico (...) acolhe tanto quanto formula demanda” (p. 127).

Garcia-Roza (1996) apoiado pelas idéias de Ernst Cassirer aponta o simbólico como o único caráter que diferencia o homem dos animais, constituindo-o como sujeito humano, por meio da percepção e do discurso; ao mesmo tempo, que atua como mediador da realidade. Ele apresenta o conceito de signos linguísticos, formulado tanto por Saussure quanto por Lacan, destoante em alguns aspectos,

mas concordantes quanto à necessidade de duas partes integradas: significado e significante, ou seja, a coisa e a representação da coisa. Com esse conceito pode-se caracterizar o choro do bebê que não se traduz apenas em gritos e lágrimas, mas também como a expressão de algo que transborda do corpo e que ao ser significado pela linguagem terá chance de ser articular com o desejo, em comunicando algo.

Se considerado que o choro é a primeira manifestação do bebê ao nascer, e que este irá se manifestar sempre em situações de desconforto, logo se evidencia que o choro não pode ser interpretado somente como uma fonte de descarga, pois aqui este surge como principal meio de comunicação, entre o bebê e seus pais, assumindo então uma função de linguagem interdependente. A autora chama a atenção para as consequências da falta dessa comunicação primeira, entre mãe e filho, se esta eventualmente entrar em depressão profunda, deixando de responder à “fala” de seu bebê; pode então no lugar do choro deste se manifestarem sintomas diversos, e até comprometer seu desenvolvimento. Pois cria-se, em torno da criança, “um mundo sensorial frio” (p.100), carente de afeto e de comunicação; enquanto supõe-se que para desenvolver o sistema comportamental que faz surgir e sustenta a fala, a criança necessita de algo denominado de “um banho de linguagem”; que não dispensa a presença de um outro íntimo para quem possa transmitir suas mensagens. Portanto, a linguagem se instaura por meio de referências duplamente afetivas, entre objeto e pessoa significativa, segundo Cyrulnik (SZERER, 1999).

Segundo Szejer (1999) para a psicanálise não existe psiquismo sem o afetivo, e a fala materna construída com a mãe depois do nascimento, é apoiada sobre algo psíquico anterior ao nascimento. Ela afirma que “a sensorialidade fetal e precoce, a repetição, a linguagem, tem a memória como condição comum” (p. 103). E esta pode ser tanto afetiva quanto perceptiva. No entanto, se existe no recém nascido uma memória traumática pré-natal, esta só se tornará consciente por meio do discurso de seus familiares e íntimos, e cabe ao psicanalista, nomear essas memórias; colocar palavras onde só há um sentido não dito; algo que ela chama de “um buraco de linguagem” (...). Colocar palavras onde só há, de início, o choro.

Através de seus testemunhos e de sua experiência Szejer (1999) gerou concepções e inseriu a linguagem do recém nascido, identificando-o com um sujeito que tem um psiquismo funcional, um inconsciente que “fala”; um ser que sente e que

se manifesta pela linguagem corporal. Para este trabalho, o importante deste estudo está em notar que aquilo que a autora chama de ser que sente e fala pela linguagem corporal tem um apoio na primeira expressão da linguagem que é o choro. O bebê é imerso na linguagem, desde que seu choro seja interpretado e acolhido como significando algo que ele ainda não diz.

Já para Jerusalinsky (2008), o que a experiência clínica com crianças tem ensinado é que a maior parte das formações psicopatológicas na infância está relacionada à dinâmica dos pais, e que para descobrir a origem do problema, é necessário conhecer a vida cotidiana da família, os cuidados e as relações da criança com o mundo que a rodeia. Ele acrescenta que após todo o trabalho de pesquisa com a criança e seus pais, é possível compreender e, às vezes, explicar por que as crianças autistas não falam, as crianças psicóticas falam sem compreensão real da língua, as crianças perversas não acreditam no que falam e nem no que se fala, e por fim, as crianças neuróticas sabem o que se fala e decidem seu destino. Segundo o autor a conclusão principal é que “sujeito e língua nascem enlaçados de um modo inseparável porque ambos estão materialmente costurados a um mesmo tronco lógico” (p. 189).

3. CONCLUSÃO E RECONSIDERAÇÕES

As respostas obtidas até aqui foram satisfatórias para que eu pudesse constatar no choro minha hipótese pensada desde o princípio. A relação que aqui se revela entre choro e alívio é de uma função mediadora deste dentro da dinâmica dos processos psíquicos do sujeito. Trata-se de uma linguagem simbólica inscrita no inconsciente numa fase anterior a linguagem falada; estando este desde o nascimento, intimamente ligado aos afetos e sua expressão. Através do choro é possível expressar o que com palavras não seria possível. Revela-se também – primitivamente, como um poderoso instrumento de comunicação; e enquanto signo é desde sempre vivenciado junto às experiências de manifestações afetivas mais diversas, tendo como função, significar as experiências subjetivas universalmente. Portanto, o choro caracteriza os afetos na sua expressão mais original, na essência do ser humano, mesmo quando revela ambigüidades.

Todos choram ou choraram um dia, porém, as sensações que prosseguem esse ato são consideravelmente distintas. O choro pode ser suscitado por diversos sentimentos e receber muitos significados diferentes, desde a dor física ou abstrata, até a alegria; seja para celebrar uma vitória ou lamentar uma perda, demonstrar heroísmo ou fraqueza, tudo dependerá da cultura, da época e até mesmo do gênero de quem se põe a chorar.

Do ponto de vista fisiológico, há três tipos de lágrimas: as basais, que são produzidas para lubrificar e limpar as córneas; as que surgem como reflexo a um corpo estranho, e as lágrimas emocionais, exclusiva dos seres humanos. Essas lágrimas que são vertidas quando se chora para expressar algum sentimento, diferentemente das basais e das reflexas, que têm uma função definida, não trazem qualquer benefício específico para as córneas ou superfície ocular, mas podem trazer vários benefícios pra alma. Seja por descarregar tensões, aliviar angústias, ou até mesmo atrair semelhança e suscitar a compaixão do outro para receber ajuda ou atenção. Elas ao se manifestarem, trazem consigo significados talvez inconscientes e, portanto, desconhecido ao próprio sujeito que chora, mas isso não altera seu valor subjetivo.

Na Grécia, o choro estimulado pelos dramaturgos desde os primórdios do teatro, todavia, buscava uma expressão afetiva necessária a integridade psíquica do homem. Fazia-se uso de técnicas para que as lágrimas cênicas contagiassem a platéia e fizessem fluir sentimentos por meio de lágrimas, quando o que se visava era aliviar o homem do próprio sofrimento; purgá-lo das emoções contidas, provocar um efeito catártico e reconduzi-lo ao contato com o íntimo, restabelecendo-o psicologicamente através da semelhança vivenciada nos laços sociais. Essa transcendência sentimental buscada pelo teatro era uma tentativa de libertar o homem de seus pudores e fazê-los liberar seus afetos para se obter a “cura” da alma. E, ao que tudo indica, era um método muito praticado pelos povos gregos.

Apesar de o choro ser um signo universal, símbolo dos sentimentos; o que foi constatado até aqui é que o choro enquanto função de alívio não alcançará outro benefício além do momentâneo; pelo menos conscientemente. Pois a sensação de alívio implicada neste é pelos afetos liberados junto a essa manifestação. Como se pode observar numa experiência desprazerosa que causa angústia e concomitantemente vontade de chorar, ao reprimir tais impulsos a angústia permanece ativa até que a lembrança se distancie e aos poucos se torne inconsciente, ao contrário de quando se chora, que a sensação de alívio é imediata, embora isso não altere o significado da experiência vivenciada. Mas, de acordo com a teoria freudiana, os benefícios adquiridos pela exteorização dos afetos não é de todo passageiro. Pois tais afetos ao serem reprimidos tornam-se sintomas manifestos, até que quando exteorizados por meio do choro fazem-nos desaparecerem. Sendo assim, o benefício adquirido por meio do choro não se restringe ao momentâneo. Pois conforme a teoria freudiana sobre os afetos, essa expressão pelo menos, evitará a formação de sintomas psicossomáticos.

No entanto, o choro dentro do conceito de “cura” pela repetição formulado por Freud (1914), deixa aqui duas possibilidades, tão ambíguas quanto são as sensações experimentadas pelo ato de chorar, mas igualmente válidas para se pensar este conceito. Este pode, enquanto descarga, tanto impedir o acting out, ou seja, a experiência de reviver os afetos juntos as lembranças resgatadas - haja visto que os mesmos uma vez liberados junto ao choro, não permanecerão ligados a lembrança, quanto anunciar a ligação da lembrança ao afeto que um dia o recalque

separou. Assim, conforme vai repetindo o paciente suas experiências junto aos afetos, vão-se reduzindo sua seqüência infértil de repetição.

Enquanto signo pode o choro, mesmo quando praticado sozinho, causar alívio ao sujeito; pois o que contará é a expressão dos afetos ligados à experiência, que nessa circunstância antecede as palavras e até mesmos dispensa a presença de um Outro. Este se diferencia do choro praticado em análise ou no laço social, pois o sujeito que chora sozinho, não requer apóio ou atenção, mas apenas dar vazão às suas emoções.

Enfim, do choro do bebê ao do adulto, as lágrimas têm como função comunicar sentimentos, expressar emoções, incitar compaixão, etc. Trata-se de uma linguagem simbólica e universal, que se inicia no vínculo com a mãe e se dirige a ela tão logo nascemos; e quando adultos, o uso dessa linguagem tão primitiva ocorrerá de acordo com o que se aprendeu culturalmente ao longo das experiências subjetivas. Algo é certo, elas só se manifestarão quando o objetivo a qual se pretende, não poderá ser atingido por palavras.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Dicionário do. **Significado de catarse**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Catarse>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

DOENÇA e Sintoma letra – C. Disponível em: <http://www.pcd.pt/biblioteca/docs.php?id=557&id_doc=232&id_cat=10>. Acesso em: 19 jul. 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 139 p.

FREUD, S. (1910). **Cinco Lições de Psicanálise**. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914) **Recordar, Repetir e Elaborar**. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937) **Construções em análise**. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Primórdios da psicanálise In: Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Moura de S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 143 p.

HOUAISS eletrônico. Versão monusuário 3.0. jun. 2009. **Verbetes Catarse**. Disponível em: <<http://www.dicionariohouaiss.com.br/index2.asp>>. Acesso em: 31 ago. 2010.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Saber falar: Como se adquire a língua**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Psicanálise e Educação)

KOTTLER, Jofrey A. **A Linguagem das Lágrimas**. São Paulo: Makron Books, 1997.

MACHADO, Jose P. Dicionário de Etimologia da Língua Portuguesa, Editorial Confluência: Lisboa, 1967. 568 p.

PONTALIS, Laplanche e. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCHILLING, Voltaire. **Teatro grego**. Cultura e pensamento. Disponível em: <www.educacional.com.br>. Acesso em: 06 set. 2010.

SANTANA, Ana Lucia. **Catarse**. InfoEscola. Filosofia, jan.2009. Disponível em <<http://www.infoescola.com/filosofia/catarse/>>. Acesso em: 22 jul. 2010.

SOUZA, Rainer. **Teatro Grego**. Equipe Brasil Escola. Disponível em: <www.brasilescola.com >. Acesso em: 20 jul. 2010.

SZEJER, Myriam. **Palavras para Nascer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das Lágrimas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VOMERO, Maria Fernanda; Por que choramos?. **Revista Super**, Ed. 177, jun. 2002 Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/choramos-443091.shtml>>. Acesso em: 26 set. 2010.